



UM PASSEIO IMAGINÁRIO A PARACATU DE BAIXO:
MAIS DO QUE UMA LEMBRANÇA, O REAVIVAR DE UMA EXPERIÊNCIA

ISAÍAS GABRIEL FRANCO

Convidamos, você, leitor(a), a conhecer as comunidades de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira no adentrar do século XXI de um jeito muito especial: através de um passeio imaginário, tendo como guia as sonoridades locais. Trata-se de um percurso ficcional, porque tais comunidades foram aniquiladas pela lama tóxica que as soterrou com o desabamento da Barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015. Ainda assim, elas não desapareceram de todo. Perduram nas lembranças enunciadas em relatos, apresentadas em fotografias que conseguiram ser salvas da destruição e até em alguns vídeos quase milagrosamente preservados. Mais ainda, tornam-se resistentes e re-existent através dessas memórias compartilhadas, que nos inspiraram a escrever e talvez incitem você a viajar conosco através destes textos literários, no anseio solidário por uma economia mais sustentável e uma justiça socialmente efetiva. Pois bem... vamos lá!

“PERTO DE MUITA ÁGUA, TUDO É FELIZ!” (GUIMARÃES ROSA, 2001, P. 45)

Dando prosseguimento a nossa viagem pelos entornos do rio Gualaxo do Norte, chegamos hoje a Paracatu de Baixo. Paracatu, ao que parece, é um termo de origem tupi que significa “rio bom”: “Pará’ (rio) e “Katu” (bom). (DICK, 2007, p. 147). Ali no “rio bom de baixo”, quem deu o topônimo pareceu acertar a mão, já que tudo é verde, ameno e tranquilo. O caminho por nós usado segue por estrada de terra batida e poeirenta. O sol estava a pino e os insetos nos amolavam no calor da tarde, mas em compensação, a natureza mostrava sua riqueza. O verde e o colorido do que restava de mata não derubada e das pastagens ao entorno chamou-nos a atenção. Aqui e acolá, vacas e cavalos andavam sossegadamente, parecendo reses de um presépio. À medida que nos aproximamos, fomos percebendo que o lugar era bem pacato e ameno. Um pequeno povoado urbano, assentado com suavidade no meio da verde pastagem. Ao chegarmos ainda mais perto, vimos não só o gado pastando, mas galinhas e outros animais ciscando. Íamos ouvindo o trinado de alguns pássaros e os sons da natureza ao redor. Aos poucos, os sons de pessoas conversando também iam se fazendo presentes e se misturando desordenadamente a nossa própria conversa e aos elementos naturais do redor. As águas do rio também “cantavam” alegres; passando bem perto de nós, lá iam elas cair noutra rio, descendo a serra rumo ao mar.

Logo chegamos a Paracatu de Baixo, um desses lugares típicos do interior mineiro: uma igreja branca de duas torres ladeada de pequenas casas coloridas. Entramos na rua principal e a presença de estranhos pareceu atizar a curiosidade de um ou outro morador que pelas janelas nos olharam de soslaio. Algumas crianças também podiam ser vistas por nós.

Ali, conforme nos contou um morador que chamamos para obter informações, a **folia de Reis** do menino Deus é celebrada. As pessoas levam o mastro pelas ruas da vila e depois confraternizam, encontro em que não falta comida ou bebida. Mas como não estávamos na época dos festejos, foi preciso imaginar uma cena de foliões e festejos em torno de uma bandeira de santo, na celebração da vida. Recebemos o convite para retornar dali a alguns meses e ver a festa com nossos próprio olhos. Despedimo-nos dele e andamos mais um pouco. A capela também estava fechada e assim passamos rente à pracinha, quieta àquela hora da tarde e seguimos nosso caminho rumo a outras paragens. P.S. Naquele dia à noite, sozinho, já longe de lá, li um poema de Guimarães Rosa antes de dormir. No meu sonho viajei nas águas do Gualaxo, deitadinho em uma canoa. Não voltamos na festa de Santo Reis. O lugar foi soterrado e hoje não são o pandeiro e os tambores que louvam ao deus menino Deus, mas só os **sons do maquinário** reassentando a vila destruída pela lama. Mas Paracatu de Baixo continua vivo, na minha memória e no sonho que nunca esqueci. De modo a lembrar no futuro deixarei transcrito o poema neste diário:

Águas da Serra

Águas que correm,
claras,
do escuro dos morros,
cantando nas pedras a canção do mais-adiante,
vivendo no lodo a verdade do sempre-descendo...
Águas soltas entre os dedos da montanha,
noite e dia,
na fluência eterna do ímpeto da vida...
Qual terá sido a hora da vossa fuga,
quando as formas e as vidas se desprenderam
das mãos de Deus,
talvez enquanto o próprio Deus dormia?...
E então, do semi-sono dos paraísos perfeitos,
os diques se romperam,
forças livres rolaram,
e veio a ânsia que redobra ao se fartar,
e os pensamentos que ninguém pode deter,
e novos amores em buscas de caminhos,
e as águas e as lágrimas sempre correndo,
e Deus talvez ainda dormindo,
e a lua a avançar, sempre mais longe,
nos milênios de treva do sem-fim...

(GUIMARÃES ROSA, 1997, p.15)

Bibliografia:

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. _____. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. *Revista Trama*, Cascavel, v. 3, n. 5, p. 141-155, 2007. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/965/828> >